CARTOGRAFIA DO AFETO: O DESLOCAMENTO COMO PROCESSO DISPARADOR DE OUTROS MODOS DE VER A CIDADE E SEUS SENTIDOS

NATÁLIA DA SILVA REIS[1];Eduarda Azevedo Gonçalves[2];

[1]*Universidade Federal de Pelotas – nataliasrreis@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar o projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), intitulado "CARTOGRAFIA DO AFETO: o deslocamento como processo disparador de outros modos de ver a cidade e seus sentidos", orientado pela Prof.ª Dr.ª Eduarda Azevedo Gonçalves. O projeto de pesquisa aprovado na linha Educação em Artes e Processos de Formação Estética, tem como objetivo principal, apresentar as experiências e as reflexões proporcionadas durante os meus deslocamentos, por residir em Rio Grande e estudar em Pelotas, busco apresentar essas inquietações enquanto novas possibilidades de observar os territórios que permeiam minha rotina, assim como novas estratégias metodológicas para desenvolver atividades que envolvam a arte educação na comunidade do bairro Atlântico Sul.

A proposta que o projeto propõe é a de desenvolver atividades na comunidade onde resido, no espaço oferecido pela Associação dos Moradores do Bairro Atlântico Sul (AMBAS), para promover práticas artísticas que atribuam ao local de vivência enquanto um catalisador cultural e imaginário para ampliar e transformar a subjetivação da criatividade daqueles que residem no bairro e participarão das oficinas. Assim como, fazer com que o processo de ensino de arte auxilie na valorização do entorno no qual vivem, assim como possam e enobrecer as as memórias que constituíram durante as suas trajetórias de vida. Além disso, vincular os conhecimentos e os estudos em arte com as possibilidades materiais e técnicas do contexto da realidade desses moradores.

Esse contato com os moradores e o reconhecimento de suas realidades, contribuem diretamente com a minha prática docente e artística, de tal modo que o encontro com as diversas cartografias afetivas desse território que eu também habito fazem parte do meu imaginário cultural e subjetivo enquanto arte-educadora. A pesquisa traz o seguinte questionamento: *qual seria o papel da arte em promover o sentimento de pertencimento a um território por meio de uma educação que valoriza o entorno e as memórias as quais a comunidade está inserida?* Já que, por experienciar cotidianamente das mesmas paisagens que esse território possui, consigo compreender suas particularidades, porém, o projeto busca valorizar e ampliar as possibilidades criativas que esse espaço e os moradores tem a oferecer e segundo bell hooks:

> Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. [...] O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo. (HOOKS, 2013, p. 18)

Pensando nisso, as atividades que serão realizadas a partir do diálogo constante com os participantes para inseri-los no processo de ensino-aprendizado, como protagonistas do conhecimento, compreendendo que minha posição de educadora só faz sentido quando inserida na coletividade e na troca de saberes. Nesse sentido, as oficinas vão ser tanto processo de reconhecimento e valorização dessas cartografias, como o resultados delas vão ilustrar a cartografia afetiva de cada um dos participantes.

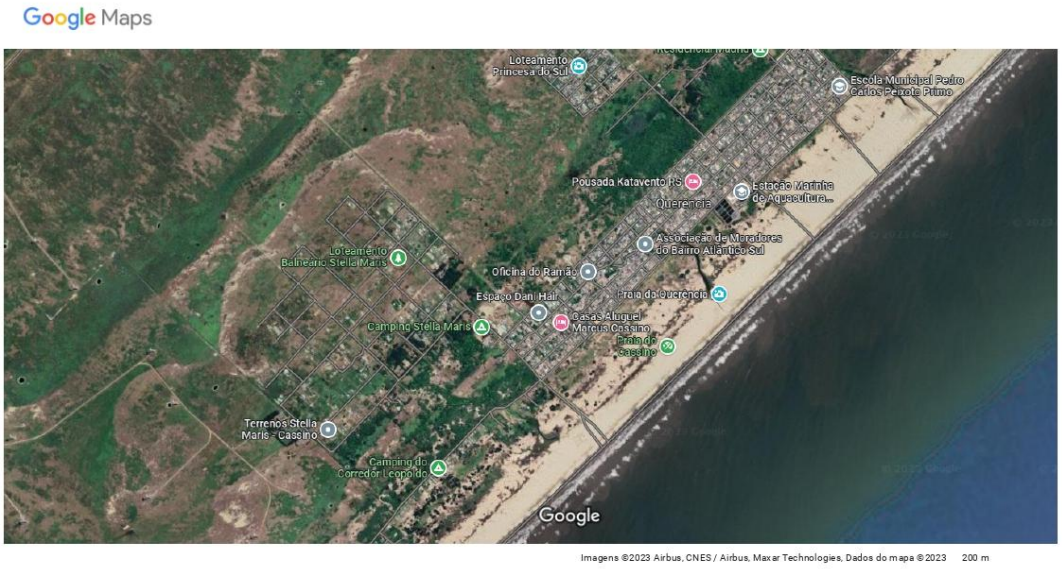
2. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa em andamento que deriva do Trabalho de conclusão de Curso (TCC) realizado na graduação em Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), atualmente a pesquisa se encontra na etapa de levantamento e revisão do referencial bibliográfico, para além disso, tenho participação no Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (DESLOC), que com seus desdobramentos, inquietam minha mente sobre minha rotina viajante e a forma com a qual observo esse caminho. Ou seja, o próprio trajeto que faço ao me deslocar da minha casa em Rio Grande - RS, até o Centro de Artes em Pelotas, faz parte do meu processo metodológico de observâncias.

Essa experiência faz parte também de um levantamento de possibilidades para as oficinas que pretendo realizar na AMBAS como proposta do meu projeto de pesquisa, caminhadas investigativas pelo bairro e convite à comunidade local, do mesmo modo que o exercício de fotografar a paisagem, servem para registrar as minhas cartografias afetivas, que nesse momento, são divididas entre o meu bairro e a região central e portuária de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 01: Bairro Querência.



Fonte: *Google Maps*[1], 2023.

A pesquisa em questão tem como ponto de partida o bairro conhecido como Atlântico Sul, localizado posteriormente ao Loteamento Querência, no Cassino, na Cidade de Rio Grande - RS (Figura 01). Afastado da zona central do Balneário Cassino, mas muito perto da praia, a maior parte do Loteamento foi ocupada e atualmente busca a regularização de suas moradias, que mesmo humildes, é onde tem abrigo para a família da comunidade local. Além disso, as ruas de areia e esburacadas são alagadas sempre que chove, já que o saneamento básico aqui não chega e as valetas são deixadas a céu aberto e, por falta de limpeza, constantemente transbordam, afetando um bairro inteiro que não consegue se deslocar, quando não são suas próprias casas invadidas pela água.

Figura 02 - Ponte da Rua da Praia

Fonte: acervo pessoal, 2023.

O presente projeto parte da minha própria vivência, experimentando diariamente esse o cotidiano de um bairro periférico localizado na cidade de Rio Grande - RS, e seus aspectos particulares fazem parte do processo metodológico de compreender a dinâmica dos moradores, as paisagens desse entorno os aspectos culturais e os traços que tornam ela única e diferencial.

Nesse caso, atualmente, me coloco em diversas caminhadas ao redor da minha comunidade, assim como repito essa experiência em Pelotas, produzindo conteúdos visuais (Figura 02 e 03) para ilustrar o processo do desenvolvimento da minha própria cartografia afetiva, o que posteriormente vou desenvolver enquanto prática pedagógica para o estudo estético das artes visuais, durante a pesquisa de campo. Assim como servem também para as minhas próprias inquietações sobre esse processo de deslocamento realizado entre as duas cidades, suas paisagens dicotômicas e a relação de insegurança que sinto com uma, mas deixo de sentir na outra por me sentir pertencente a esse local que, mesmo periférico e à margem da sociedade, me constituiu.

[1] Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-32.20904,-52.1895503,2596m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>, captura de tela realizada em: 08/09/2023.

Figura 03 - Passarela do Simões Lopes

Fonte: acervo pessoal, 2023.

Diante disso, muito do que ainda tenho enquanto resultados, são as conclusões que a própria reflexão dessas experiências de deslocamento proporcionam. Parto da minha experiência para levar a pesquisa adiante, no sentido de encontrar brechas para levar além o que acredito como uma arte-educação que valoriza o entorno, as peculiaridades que esse espaço tem e a relação de experienciar esse território periférico, marginalizado e também do meu deslocamento, do olhar viajante e perceber as muitas diferenças urbanas e estruturais que geram questionamentos e inquietações sobre o meu papel enquanto arte-educadora e pesquisadora em arte que trabalha com questões de cartografias e os espaços da cidade e tudo o que significa viver em uma periferia.

4. CONCLUSÕES

Portanto, consigo afirmar que ao me deslocar de uma cidade para outra e ampliar meu olhar sobre os diversos territórios que um mesmo corpo pode ocupar em sua rotina e participar dessa experiência com olhar atento, faz com que minha própria percepção sobre a cidade seja modificada. Utilizo as particularidades da comunidade a qual me insiro, vivo e observo as cotidianidades, para dar norte à pesquisa, mas a minha própria vivência de ir até Pelotas, faz com que eu crie uma nova relação com esses dois espaços, as noções dos afetos que essas cartografias que eu crio transitando por esses territórios também são modificadas. Ou seja, algo banal, como pegar um ônibus e migrar de uma cidade para outra, muda a percepção, o sentido e o olhar de um indivíduo para com seu território e os afetos que o atingem ao experienciar a cotidianidade de um outro lugar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: 2ª Ed. WMF Martins Fontes, 2017.